

A pequena produção rural em-Erexim: Um estudo de caso

Nédio Piran¹

Lúcia Helena Oliveira Gerardi²

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma síntese dos principais aspectos desenvolvidos na dissertação de mestrado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia — Área de Concentração em Organização do Espaço — do I.G.C.E. da UNESP, Campus de Rio Claro, SP em 23 de agosto de 1982.

Pequenas alterações foram introduzidas nesta síntese, em relação ao trabalho original, como decorrência no acatamento de sugestões e correções propostas pela banca.

O trabalho original está estruturado em nove capítulos, além da conclusão. No Capítulo I — Introdução, apresenta o problema, os objetivos, a justificativa, os fundamentos teóricos e a metodologia. No Capítulo II — destaca aspectos históricos e geográficos gerais do município de Erexim, visando situá-lo no tempo e no espaço. Nos Capítulos III, IV e V — trata da evolução agrária do município de Erexim a partir de 1940. Nos Capítulos VI, VII, VIII IX — caracteriza uma área de pequena produção rural do município. Na Conclusão, apresenta uma rápida síntese dos principais aspectos abordados no desenvolvimento do trabalho.

INTRODUÇÃO

No estudo da “Evolução Agrária do Município” utilizamos dados censitários referentes ao tamanho dos estabelecimentos, à produção agropecuária, à composição da mão-de-obra, à condição do produtor, ao emprego de força e à mecanização.

Para a “Caracterização de uma Área de Pequena Produção”, realizamos 118 entrevistas-questionários (5% do total de estabelecimentos) com agri-

¹ Depto. de Estudos Sociais — Centro de Ensino Superior de Erexim (RS).

² Depto. de Planejamento Regional IGCE-UNESP, Campus de Rio Claro. Orientadora da Dissertação.

cultores de seis povoados rurais dominados exclusivamente por pequenas propriedades. Nesta caracterização levamos em conta aspectos referentes aos estabelecimentos, ao produtor, às relações de trabalho, ao sistema de cultivo, à produção, à tecnologia, à assistência técnica, aos financiamentos, à demografia e ao nível de vida.

Com este trabalho pretendemos identificar transformações agrárias ocorridas no município, os mecanismos que as tem regido e a situação em que se encontra a pequena produção.

Apesar das limitações, entendemos válido o trabalho, na medida que procura sistematizar informações e conhecimentos que raramente superam o nível empírico. Além disso, as transformações que estão ocorrendo, necessitam ser registradas.

Na análise, a pequena produção agrária é vista sob o enfoque de sua associação e subordinação ao setor urbano-industrial (indústria, comércio e setor financeiro) interno e externo, e da dominação exercida pela grande exploração rural sobre a pequena. É entendida, portanto, dentro do processo geral de desenvolvimento econômico e da acumulação de capital. Diante disso, a pequena produção agoniza, e mesmo que se reponha mais adiante e/ou sob outras formas, não se liberará da dominação, e os antagonismos ressurgirão mais graves.

EVOLUÇÃO DO SETOR AGRÁRIO EM EREXIM

A colonização de Erexim, iniciada por volta de 1910, faz parte de projeto oficial, mas em sua implantação participam também empresas privadas (ver localização no mapa n.º 1). As bases dessa implantação são desiguais: a) de um lado, no Norte, em terrenos acidentados e pedregosos, instala-se a pequena propriedade em módulos de 25 a 50 ha, ou menos; b) de outro, no Sul, com relevo mais suave e solos melhores, desenvolve-se a grande propriedade, com módulos de 200 ha, ou mais.

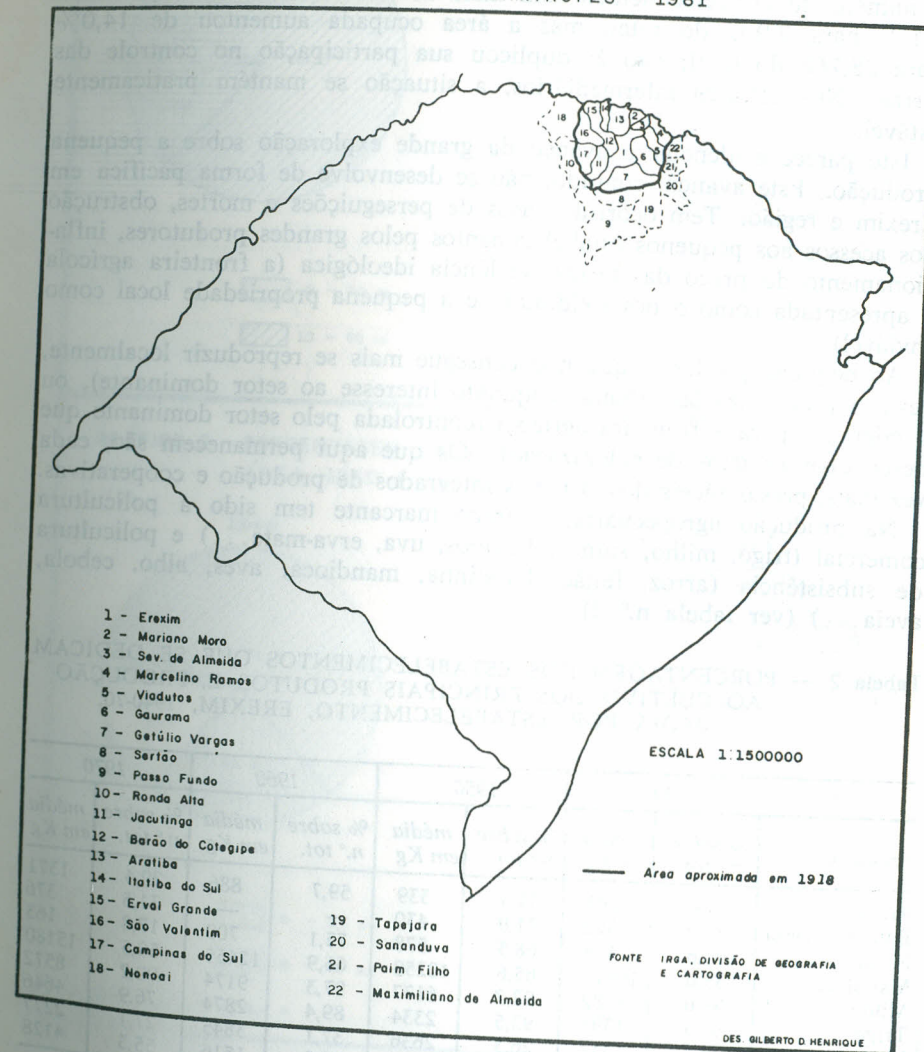
A evolução no tamanho dos estabelecimentos, também é desigual, obviamente (ver tabela n.º 1).

Tabela 1 — ÁREA MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS POR GRANDES GRUPOS DE ÁREA, 1940-75.

Grupos de área	1940	1950	1960	1970	1975
0 — 10	6,1	6,3	6,2	4,5	4,3
10 — 50	24,4	22,8	23,2	21,9	23,2
50 — 100	61,4	64,8	60,1	60,0	61,7
100 — +	247,0	305,7	272,5	272,5	300,7

Fonte: IBGE.

MAPA 1 — MUNICÍPIO DE EREXIM E LIMITROFES — 1981



No período 1940-75, os grandes estabelecimentos (mais de 100 ha) ampliam sua área média. Os muitos pequenos (menos de 10 ha), por sua vez, reduzem-na. Convém mencionar que, por ocasião da implantação da colônia, não existiam estabelecimentos com menos de 10 ha.

No mesmo período, o número de estabelecimentos com menos de 10 ha aumentou de 3,9% para 17,0% do total, mas a área ocupada pelos mesmos diminuiu de 2,5% para 2,3% do total (gráficos 1 e 2). Enquanto isso, o número de estabelecimentos com mais de 100 ha aumentou apenas de 2,1% para 2,9% do total, mas a área ocupada aumentou de 14,0% para 28,7% do total; isto é: duplicou sua participação no controle das terras. Nos estratos intermediários, a situação se mantém praticamente estável.

Isto parece evidenciar o avanço da grande exploração sobre a pequena produção. Este avanço, contudo, não se desenvolve de forma pacífica em Erechim e região. Tem ocorrido casos de perseguições e mortes, obstrução dos acessos aos pequenos estabelecimentos pelos grandes produtores, inflacionamento do preço das terras, violência ideológica (a fronteira agrícola é apresentada como o novo eldorado e a pequena propriedade local como inviável)...

Ao pequeno produtor, que não consegue mais se reproduzir localmente, resta a proletarização urbana (enquanto interesse ao setor dominante), ou a migração para a fronteira agrícola (controlada pelo setor dominante que desenvolve projetos de colonização). Os que aqui permanecem são, cada vez mais, presas fáceis dos sistemas integrados de produção e cooperativas.

Na produção agropecuária, o traço marcante tem sido a policultura comercial (trigo, milho, suínos, bovinos, uva, erva-mate...) e policultura de subsistência (arroz, feijão, batatinha, mandioca, aves, alho, cebola, aveia...) (ver tabela n.º 2).

Tabela 2 — PORCENTAGEM DOS ESTABELECEMENTOS QUE SE DEDICAM AO CULTIVO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS E, PRODUÇÃO MÉDIA POR ESTABELECEMENTO, ERECHIM, 1940-70.

Produtos	1940		1950		1960		1970	
	% sobre n.º tot.	média em Kg	% sobre n.º tot.	média em Kg	% sobre n.º tot.	média em Kg	% sobre n.º tot.	média em Kg
Arroz	25,4	292	33,3	339	59,7	886	29,4	1371
Batata Inglesa	50,0	362	31,9	430	—	—	31,5	376
Feijão	66,6	548	68,5	578	75,1	709	17,8	163
Mandioca	35,0	10617	65,6	10250	66,9	12455	59,5	15180
Milho	98,6	8182	92,8	6177	97,3	9174	90,2	8572
Trigo	92,3	1391	93,5	2334	89,4	2874	76,9	4646
Uva	49,3	1357	26,3	2636	37,1	3845	27,1	2277
Soja	+	+	+	+	8,2	1516	55,3	4128

Fonte: IBGE.

GRÁFICO 1 - PORCENTAGEM DO TOTAL DE ESTABELECEMENTOS POR ESTRATOS DE ÁREA 1940 e 1975.

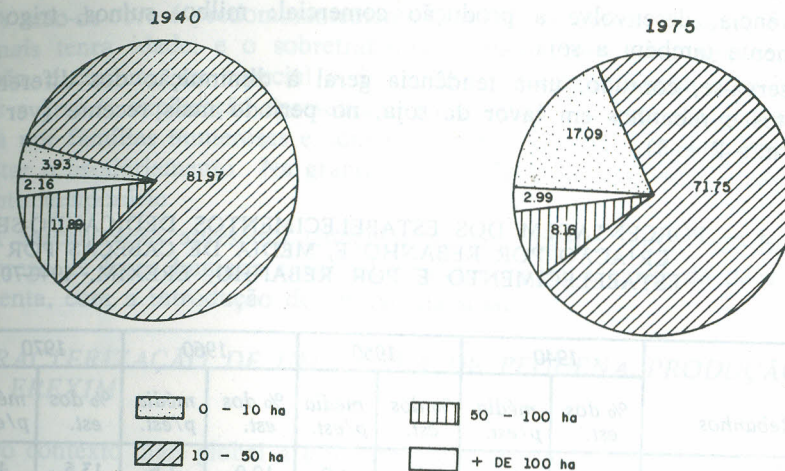
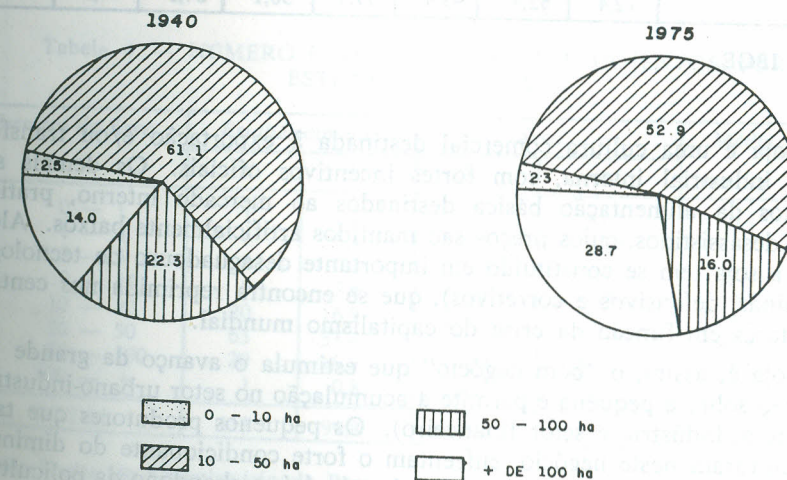


GRÁFICO 2 - PORCENTAGEM DA ÁREA TOTAL POR ESTRATOS DE ÁREA 1940 e 1975.



Fonte: DADOS DA TABELA 5

DES ALBERTO D. HENRIQUE

Além dos produtos principais constantes nesta tabela, mais 11 produtos são cultivados, quase todos destinados ao consumo doméstico na pequena produção. Na grande produção, o traço marcante tem sido o binômio trigo-bovinos e, atualmente, trigo-soja. A pequena, além da produção de subsistência, desenvolve a produção comercial: milho, suínos, trigo e, atualmente também a soja.

Observa-se, contudo, uma tendência geral à diminuição dos diferentes produtos e rebanhos em favor da soja, no período mais recente (ver tabelas n.ºs 2 e 3).

Tabela 3 — PORCENTAGEM DOS ESTABELECIMENTOS DEDICANDO-SE À CRIAÇÃO POR REBANHO E, MÉDIA DE CABEÇAS POR ESTABELECIMENTO E POR REBANHO, EREXIM, 1940-70.

Rebanhos	1940		1950		1960		1970	
	% dos est.	média p/est.	% dos est.	média p/est.	% dos est.	média p/est.	% dos est.	média p/est.
Asininos e Muares	91,8	0,7	0,6	1,9	19,0	1,6	13,5	1,5
Bovinos	90,5	7,3	86,5	6,3	94,0	7,6	77,2	11,2
Caprinos	1,3	2,6	7,3	3,1	7,7	3,7	2,0	8,0
Equinos	90,2	2,4	18,7	1,9	82,2	1,7	45,0	1,6
Ovinos	6,4	9,0	10,5	8,4	15,4	7,2	11,0	9,0
Suínos	95,3	24,1	92,9	20,0	96,5	29,1	72,1	26,3
Aves	72,4	52,4	95,9	33,3	96,1	84,0	74,2	81,3

Fonte: IBGE.

A soja é uma cultura comercial destinada à exportação e/ou transformação industrial interna, com fortes incentivos oficiais. Os demais são produtos da alimentação básica destinados ao mercado interno, praticamente desassistidos, cujos preços são mantidos artificialmente baixos. Além disso, a soja tem se constituído em importante desaguadouro de tecnologia (máquinas, defensivos e corretivos), que se encontra reprimida nos centros produtores em função da crise do capitalismo mundial.

A soja é, assim, o “bom negócio” que estimula o avanço da grande exploração sobre a pequena e permite a acumulação no setor urbano-industrial (comércio, indústria e setor financeiro). Os pequenos produtores que também entraram neste negócio, enfrentam o forte condicionante do diminuto tamanho de seus estabelecimentos, resultando daí: o abandono da policultura comercial e de subsistência e conseqüente dependência da monocultura da soja; prejuízos ao meio ambiente; endividamento no setor urbano-industrial; perigo de perda das terras e proletarianização urbana ou migração para a fronteira agrícola.

A produção agropecuária é feita quase exclusivamente por proprietários, porque a soja é bom negócio e por não mais haver terras disponíveis a nível local e regional, o que provoca a eliminação das outras categorias de produtores.

A mão-de-obra é predominantemente familiar, de ambos os sexos e desde a mais tenra idade, e o sobretabalho, particularmente na pequena produção, é comum, em especial o da mulher. O assalariamento é reduzido, pois a grande exploração apresenta-se mecanizada e a pequena é desenvolvida por famílias numerosas e com rendimento monetário insuficiente para adotar o assalariamento. Na grande exploração tende a crescer o assalariamento temporário.

A mecanização apresenta tendência ao crescimento, vindo substituir o emprego de força humana e animal, principalmente a partir da década de sessenta, com a introdução do cultivo da soja.

CARACTERIZAÇÃO DE UMA ÁREA DE PEQUENA PRODUÇÃO EM EREXIM

Do contexto mais global a que vimos nos referindo, extraímos uma área de domínio exclusivo de pequena produção, a fim de caracterizá-la de forma mais detalhada (mapa 2).

a) As Condições de Produção — Apresentam somente estabelecimentos com menos de 100 ha (ver tabela n.º 4), cuja área média é de 33 ha.

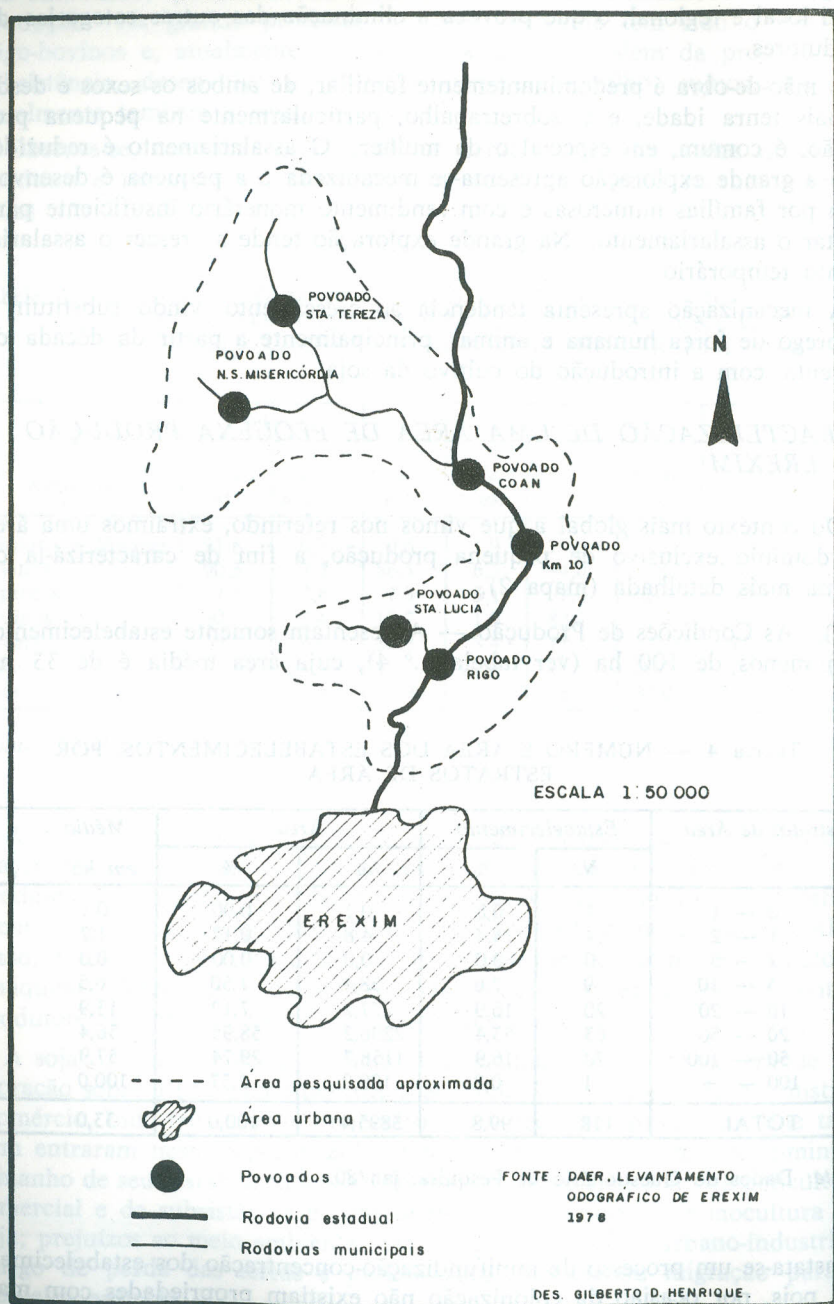
Tabela 4 — NÚMERO E ÁREA DOS ESTABELECIMENTOS, POR ESTRATOS DE ÁREA.

Estratos de Área	Estabelecimento		Área		Média em ha
	N.º	%	ha	%	
0 — 1	1	0,8	0,1	0,00	0,1
1 — 2	4	3,4	4,8	0,12	1,2
2 — 5	0	0,0	0,0	0,00	0,0
5 — 10	9	7,6	58,4	1,50	6,5
10 — 20	20	16,9	277,2	7,12	13,9
20 — 50	63	53,4	2296,2	58,95	36,4
50 — 100	20	16,9	1158,7	29,74	57,9
100 — +	1	0,8	100,0	2,57	100,0
TOTAL	118	99,8	3895,4	100,0	33,0

Fonte: Dados do Questionário de Pesquisa, jan/80.

Constata-se um processo de minifundização-concentração dos estabelecimentos, pois, por ocasião da colonização não existiam propriedades com mais

MAPA 2 - PARTE DO MUNICÍPIO DE EREXIM DESTACANDO - SE A ÁREA PESQUISADA .



de 50 ha e nem com menos de 20 ha, o que se verifica hoje. A minifundização é resultado da tentativa local de reprodução do pequeno produtor e se efetua pela via da herança, fenômeno este, conjugado com a negativa do latifúndio vizinho em conceder à pequena produção novos espaços. A concentração parece fruto da cumulação realizada noutros setores (comércio, profissões liberais) reinvestida em terras; ou pelo sistema de herança, quando pode ocorrer a apropriação individual de alguma riqueza produzida por toda a família.

Os produtores são quase exclusivamente proprietários, embora se constate a presença de 11 parceiros e 2 arrendatários, que pagam tributos relativamente altos aos donos da terra, particularmente sobre os principais produtos (trigo, soja, milho), que chegam a 33%.

A mão-de-obra é quase exclusivamente familiar e não tem remuneração fixa. O chefe da família, de acordo com os rendimentos auferidos com a produção, providencia as condições de subsistência dos demais membros (roupa, educação, saúde, alimentos e "mesada" em fins de semana ou festas). Observa-se, também, uma certa divisão do trabalho. Os homens cuidam dos produtos comerciais e as mulheres e crianças, além do trabalho na produção comercial, tratam dos produtos de subsistência e dos afazeres domésticos. Observa-se ainda, embora com frequência cada vez mais reduzida, o fenômeno da ajuda mútua (mutirão e troca de dias). A jornada de trabalho é, via de regra, de sol-a-sol, particularmente em período de safra — sobretrabalho, apropriado através de mecanismos diversos, pelo setor urbano-industrial (comércio, indústria e setor financeiro).

A modernização (tecnologia, assistência técnica, financiamentos) atinge apenas os produtos comerciais e de forma parcial, às vezes inadequada e com potencial ocioso. Os insumos modernos são controlados por empresas multinacionais e sua eficiência é duvidosa em muitos casos acarretando, apenas, elevação dos custos de produção.

b) A Produção Apropiciária — Na utilização das terras observam-se formas tradicionais (roça) e modernas. A rotação de terras (tradicional), ou de produtos (moderna) depende: da fertilidade natural do solo, da declividade do terreno, da disponibilidade de terras e do custo dos insumos modernos.

A associação de culturas temporárias é freqüente, tendo como produto básico o milho, cultivado com a soja, o arroz, a mandioca, a abóbora.

Com o esgotamento da fronteira agrícola interna, a produção só poderá se elevar com uma eficiente modernização, mas que excluirá produtores e, em função da dependência que cria, deixará os remanescente, embora produzindo mais, ainda mais pobres. Modificações, contudo, poderão ocorrer na medida que sistemas integrados de produção começam a se instalar na área.

A produção agropecuária apresenta como traço característico a policultura comercial e de subsistência. Há uma gama bastante variada de produtos agrícolas (mais de 20), assim como de rebanhos (6 rebanhos e mais aves e abelhas) — (ver tabelas n.ºs 5 e 6).

A maioria dos produtos e rebanhos destinam-se à subsistência ou uso familiar. A produção comercial é representada quase exclusivamente pelo milho, soja, trigo e suínos. Alguns excedentes ocasionais dos produtos de subsistência também são comercializados, assim como dos produtos tipicamente comerciais, parte é retida para consumo próprio. É a produção

Tabela 5 — DESTINO DA PRODUÇÃO DE CADA CULTIVO, JAN/80

Produto	Comercialização		Consumo	
	Kg	%	Kg	%
Alfafa	—	0,0	266	100,0
Alho	382	34,1	738	65,9
Amendoim	860	14,8	4958	85,2
Arroz	3095	10,6	26045	89,4
Aveia	120	0,9	12670	99,1
Batata-doce	1200	1,4	84540	98,6
Batata-inglesa	2570	14,4	15260	85,6
Cana-de-açúcar	1400	1,1	125030	98,9
Cebola	930	11,6	7075	88,4
Fava	—	0,0	210	100,0
Feijão	14468	36,5	25128	63,5
Fumo	—	0,0	15	100,0
Mandioca	—	0,0	1284590	100,0
Milho	204510	10,7	1701850	89,3
Soja	633440	95,6	29300	4,4
Trigo	95210	100,0	—	0,0
Tungue	46050	100,0	—	0,0
Uva	97620	46,9	110300	53,1
Erva-mate	14315	33,2	28750	66,8
Verduras e legumes	250	1,7	14000	98,3
Frutas	65860	10,6	557262	99,4

Fonte: Dados brutos do questionário de pesquisa.

Tabela 6 — QUANTIDADES VENDIDAS E CONSUMIDAS EM PORCENTAGEM EM RELAÇÃO AO TOTAL, JAN/80.

Rebanhos	% vendida	% consumida	% sub-total	% rebanho perman.
Bovinos: carne	10,0	3,3	13,3	86,7
leite	80,8**	19,2**	100,0	—
Suínos	73,3	14,3	87,6	12,4
Ovinos	9,2	16,6	25,8	74,2
Caprinos	4,0	8,0	12,0	88,0
Equinos	0,0	0,0	0,0	100,0
Galinhas	11,5	87,0	98,5	1,5
Outras aves	0,0	45,6	45,6	44,4
Abelhas	30,6*	79,4*	100,0	—

Fontes: Dados brutos do questionário de pesquisa.

* = Kg de mel.

** = Litros de leite.

comercial, contudo, o objetivo principal e que comanda o processo produtivo na pequena propriedade.

Embora com a modernização parcial, a agropecuária apresenta rendimentos, que se não são os ideais, estão próximos ou acima, do que se consegue como média nacional ou regional, fato este, explicável pelo tratamento quase individualizado dado à planta pelo agricultor.

c) Os Aspectos Populacionais — Na área em questão, verifica-se uma densidade demográfica de 16,8 habitantes por km², o que é elevada em se tratando de zona rural, mas explicável por ser ocupada por pequenos produtores.

As famílias são, geralmente, numerosas (5,5 pessoas em média), mas apresentando tendência à redução do número de filhos (em 1979 o crescimento foi de 8,2% negativos). Isto, sem dúvida, deve-se à generalizada campanha antinatalista, através de diferentes instituições, formas e métodos.

Quanto à estrutura etária e por sexo, constata-se um equilíbrio entre jovens e adultos, com predomínio destes e do sexo masculino. O processo migratório atinge particularmente os jovens e do sexo feminino.

A propósito das migrações, 7,4% das famílias manifestaram o desejo de migrar (50% rumo à fronteira e 50% para a cidade). Os motivos alegados são fundamentalmente de cunho econômico: tentar melhorar de vida, baixos

preços dos produtos agrícolas, altos custos dos insumos... Nos últimos anos, 5% da população migrou, principalmente para as cidades (Erexim de modo especial).

Relativamente ao nível de vida, no ano de 1979, a renda "per capita" foi de 1/2 salário mínimo regional, resultante da venda de sua produção primária. A educação formal atinge toda a população, presentemente, menos de 10% são analfabetos (velhos e excepcionais). Apresenta, contudo, inadequação quanto aos métodos e conteúdos. As habitações, geralmente, são espaçosas (mais de 90 m² além do sótão), construídas em madeira (raramente alvenaria) e apresentam estado de conservação razoável. Há deficiências sensíveis quanto ao saneamento básico (água e instalações sanitárias). São encontrados com freqüência, móveis e eletrodomésticos de fabricação urbana, estes acompanhando a expansão da eletrificação rural. O principal meio de comunicação é o rádio, encontrado em 93% das famílias, seguido da TV (46%) e jornais ou revistas (16%). O transporte, na propriedade é feito basicamente por tração animal; externamente à propriedade é utilizado o transporte motorizado. Os cuidados sanitários são sempre curativos, hó havendo procura do médico após tentativas de solução caseira. No aspecto alimentar, todas as famílias fazem de 3 a 5 refeições diárias: café da manhã, almoço e janta, com lanche no meio da manhã e da tarde. Os alimentos são bastante variados (ver tabela n.º 7), geralmente de elaboração caseira. É um nível de vida razoável se comparado ao de outros trabalhadores, isto em decorrência da posse ou propriedade dos meios de produção (ou pelo menos parte deles), o que tem lhes permitido produzir sua subsistência e sua habitação.

Tabela 7 — ALIMENTOS MAIS CONSUMIDOS NAS REFEIÇÕES PRINCIPAIS

<i>Café da manhã</i>	<i>Almoço</i>	<i>Janta</i>
Pão	Arroz	Idem almoço, complementada, em muitos casos, pelo café com leite e acompanhantes
Queijo	Feijão	
Café com leite	Massas	
Salame	Polenta	
Chimia	Carne	
Polenta	Ovos	
Manteiga	Queijo	
	Salame	
	Sopa	
	Verduras e Legumes	

Fonte: Questionário de pesquisa, jan/80.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Em se tratando de um primeiro estudo, e tendo em vista nossas limitações pessoais, e em conseqüência, as limitações do trabalho como um todo, as conclusões que apresentamos não são, necessariamente, definitivas e completas. Ressalvado isto, parece-nos que a sorte da pequena produção está nas mãos do setor dominante (grande exploração rural e setor urbano-industrial) e, noutro plano, da capacidade de organização e resistência do pequeno produtor.

O fato do pequeno produtor ter seus meios de produção (ou parte deles) lhe dá alguma autonomia, mas muito frágil, pois não tem como se desvincular totalmente do mercado, pelo contrário, é cada vez mais dominado pelo mesmo. Diante disso, ele se torna, cada vez mais, um trabalhador para o capital, embora se lhe impinja a ideologia de que é um capitalista, o que o torna refratário às propostas de mudanças estruturais.

As condições de vida e a própria reprodução como pequenos produtores, são cada vez mais difíceis. As alternativas que lhes restam são a proletarização urbana, ou a migração para a fronteira agrícola, cada vez mais distante e menos atraente, mas sempre sob controle do setor dominante.

A nível local, melhor sorte só parece possível mediante mudanças estruturais globais — mudanças no modelo e na estrutura fundiária. Uma reforma agrária comandada pelo próprio trabalhador rural, parece a única alternativa capaz de revitalizar e viabilizar esta pequena produção.